



9/10
EXCELENTE



Reportagem
A ÚLTIMA
CAMPANHA
**Filipe Santos
Costa**

É de um género raro em Portugal, este livro que fala de política sem ser pelo lado da biografia ou das memórias. *A Última Campanha* é uma reportagem sobre os bastidores da terceira candidatura de Mário Soares à Presidência da República. A história da maior derrota do «pai» da democracia portuguesa.

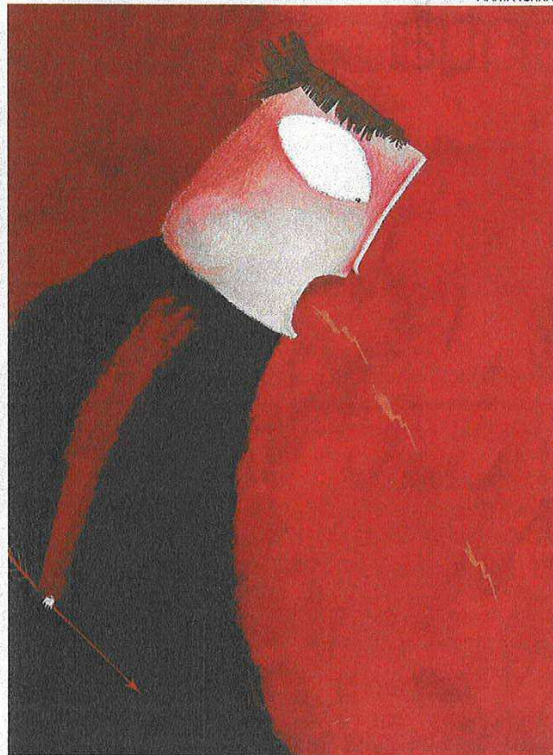
Palavra
2006

Melhores
leituras



Tem-se falado tanto, e tão mal, dos funcionários públicos que, se o estereótipo caricato ainda existia, para alguns arreigado a outros tempos muito, muito poeirentos, conseguiu chegar-se a uma quase generalização virulenta.

MARTA TORRÃO



FUNCIONÁRIOS: OS PÚBLICOS E OS PRIVADOS

1. Não tenho a menor ideia se os funcionários públicos são de mais ou de menos. Nem sei das suas competências e incompetências. Dos que conheço uns são, do meu ponto de vista, excelentes e outros péssimos. Os que são excelentes são-no porque têm brio profissional, conhecimentos técnicos, profissionalismo. Os que são péssimos são-no pelas razões inversas.

Ou seja, não há nada que nos diga que o funcionalismo público é uma doença grave e conta-

giosa, que transforma qualquer cidadão benigno num ser cinzento, indolente, burocrático e mal-humorado.

Por muitas e antigas razões, quando pensamos em funcionários públicos pensamos em criaturas limitadas, pouco ambiciosas, agarradas ao que é seguro. Pensamos em sujeitos prepotentes, antipáticos, pouco educados, sem noção de conjunto, centrados em tarefas minúsculas, que hipervalorizam, de forma ri-

dícula, cumprindo horários e tarefas com enfado, sempre atentos ao «toque» de saída.

Nos últimos meses tem-se falado tanto, e tão mal, dos funcionários públicos que, se este estereótipo caricato ainda existia, para alguns arreigado a outros tempos muito, muito poeirentos, conseguiu chegar-se a uma quase generalização virulenta.

2. Ora, devo dizer-vos que tive de ir às finanças e fiquei impressionada com a qualidade e profissionalismo dos funcionários. Óptimos. Também me aconteceu um dia resolver ser pouco simpática com um polícia cheio de razão na observação que me fez. E ele foi um senhor, muito diferente dos polícias indiferenciados de outros tempos, e pedi desculpa envergonhada. Contacto assiduamente com médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, a esmagadora maioria dos quais são de uma dedicação incedível aos seus utentes. Cruzo-mo frequentemente com professores dos vários graus de ensino em actividades que não são remuneradas e exigem disponibilidade acima de qualquer critério de dever. Pode não ser grande amostra, mas é a que tenho.

Em contrapartida, no supermercado, se quero reclamar, dizem-me que não há livro de reclamações. No banco, os erros sucedem-se a um ritmo que obriga a uma hiperatenção pouco económica. Nas empresas que vendem tecnologias e serviços muito modernos, tenho romances com uns rapazes e umas raparigas muito simpáticos que me perguntam sempre o nome, dizem «obrigada/o» e «em que lhe posso ser útil» e encaminham tudo para os serviços técnicos que não têm cara, nem responsabilidade.

Enfim, feitas as contas, estou em crer que a questão não passa por os funcionários serem públicos ou privados, mas por as respectivas instituições e direcções saberem o que andam a fazer: «

Isabel Leal
PSICÓLOGA